CIDAC 00701 TL 4236
Centro de Documentação

Acudam-nos que estamos a ser invadidos. O Governo indonésio invade-nos outra vez; desde 1975 mesmo a invasão não cessa.

Situação de ocupação militar e terror identificam-se e continuam em Timor Leste. Em algumas formas é exercida esta situação pela acção de elementos contratados nas classes pobres e atrazadas da população-como acontece com "hansips" etc. Exploram a sua ignorância, a sua pobreza para os mentalizar, mecanizar numa baiza estrutura militariza a e transformam-nos em bonecos de crimes.

A intimidação exercida contra o Bispo de Díli. Ele é vigiado noite e dia. Quem passa em Lecidere, pode aperceber-se do vergonhoso espectáculo: indivíduos mal dissimulados, dois a dois ou isolados, vigiam. O luxo de vigilância ao bispo chega e exibir a presença de oficial superior a controlar e supervisionar a montagem...

"Dez anos depois"...está tudo por fazer! Ninguém aceita a anexação. É necessário o terror a todos os níveis: desde o humilde varredor...ao bispo!

São vigiadas portas e janelas da casa do bispo. Toda a gente o sabe em Díli; por isso o Povo tem medo de visitar o bispo de ir desabafar com o bispo.

São controladas as portas, as janelas e as "conversas" do bispo. E se chega um hóspede a visitar o bispo, tem de funcionar a sofisticada aparelhagem de escuta e de spionagem...

É tema assente que desde 1975, o bispo é um problema. Perante os governantes invasores ele cede, fraqueja, condescende. Mas chega a um ponto que não aguenta e...fala. Falou D. José, falou D. Martinho...e tiveram de sair!

Porém, nenhum como o bispo actual foi submetido a tanta degradação e chantagem. Várias vezes o desconsideraram a título ou em forma de o desmentirem...ou pressionando a que se desminta. Como se um bispo de Díli pudese ignorar as brutalidades incessantes e desmedidas do exército regular indonésio em Timor Leste, quer directamente quer pelas forças militarizadas sob as suas ordens.

Os jornais nos informaram, como o bispo de Díli aparecia como a por em dúvida afirmações que teria feito ou assuntos de cartas suas a D. Martinho.

Recentemente, consta de fontes indonésias, que o bispo de Díli está submetido a ameaçadora intimidação para o forçar a retirar um protesto por ele apresentado contra brutalidades do exército indonésio.

O episódio que deu lugar ao Bispo para protestar e denunciar, foi a agressão de um militar indonésio na esquadra de Lospalos contra um padre católico de nacionalidade belga salesiano. O dito padre foi esbofeteado publicamente pelo indonésio, quando pretendia explicar-se e defender um auxiliar da missão católica salesiana de Lospalos. Alguém no momento clamou para o indonésio dizendo que aquele era o padre...Mas o padre salesiano belga foi agredido, mesmo assim.

O Bispo protestou publicamente em Dili na concorrida Missa dominical. Em seguida se soube em Díli, dos próprios militares indonésios que estes estavam mais furiosos do que nunca, pois o Bispo enviara o seu protesto e denúncia para as autoridades superiores dos ocupantes e para o exterior.

É neste ambiente que dizem situar-se a ameaçadora pressão para que o Bispo retire o seu protesto, e mais uma vez se desminta a si mesmo publicamente....

Apela-se para a Comunidade internacional, para que pridentemente interprete estes sintomas. Estes sintomas retratam o clima de mentira, de encobrimento das realidades macabras, a montagem de pedaços de filmes irreais, para enganar o mundo, a ONU, a Comunidade Europeia e Portugal.

Apela-se para a o bom senso da Comunidade internacional para fazer suster a grande operação em curso. Trata-se de uma enorme invasão incessante a chegar diariamente a díli, em aviões, e frequentes vezes em vários barcos.

O objectivo em vista todos o conhecem claramente. O equilibrío da população javanesa ou indonésia com a população dos nativos timoreneses. É tão numerosa esta invasão que dentro de não muito tempo vai ser possível ao Governo indon. propor ou aceitar o esperado "referendum". E o resultado já se adivinha.

Não é só número de comos indonésios a "igualar" o número de nativos...mas o mais grave é o terror que estes elementos ligados às forças ocupantes de várias formas infundem aos desprotegidos mauberes timorenses!

Foi já o fenómeno verificado no "ensaio" das eleições de 1982. A população nas vilas, já então não tinha liberdade de pensar por si...

Agora o mesmo terror está de pé, e a população está rodeada, "cercada" de colonos indonésios, aparentemente civis, ou não.

Ataúro facilente se transforma em ilha fantasma, onde se ocultam tropas de choque, aparentemente "capacetes azuis", mas que em 40 minutos estão em Díli, etc. e esmagarem as populações.

Apela-se para a Comunidade Internacional...para não acordar demasiado tarde. Nunca esteve tão visivel da população nativa timorense, o decreto que o rancor do militar javanês

traçou para exterminar os nativos timores em vingança das derrotas sofridas durante dez an

Todos se apercebem que se está a montar o "cenário" para o último "holocausto". Não pe
debilidade da Resistência, mas pela irresponsabilidade e incoerência dos homens que go-
vernam os povos. Para haver ambiente que permita o holocausto faz falta a dissimulação
dos governos, a distracção da Comunidade Internacional, a colaboração dos elementos da ONU
a encobrir, faz falta o desinteresse a lentidão e frouxidão do governo português, para que
o governo indonésio pelos seu exercito regular e tropas assalariadas sintam as mãos
"livres" para actuar, em assunto "interno", na "operação final"

Também não passa despercebida que os militares indonésios consider ma anexação de
Timor Leste, como a "porta da trazeira" por onde, nas próximas décadas, esperarão escoar
as enormes massas demográficas de Java, para os espaços vasios da amiga Austrália, e em
operação de socorro e apoio aos aborígenes australianos.

Apelamos para a Comunidade dos Povos, pois o drama de Timor Leste agrava-se tragi-
camente.

Naturalmente que o Povo nativo de Timor Leste não quere outra coisa senão a
independência a que tem direito, e pela qual trabalha e luta há muitos anos,.

Este direito não ofende ninguém, nem põe ninguém em prigg.

[Dili, 1986]